

Juliana Abonizio

## **Aparências ímpares: Um estudo sobre os modos de ser e aparecer dos usuários de modificações corporais extremas**

---

### **Aviso**

O conteúdo deste website está sujeito à legislação francesa sobre a propriedade intelectual e é propriedade exclusiva do editor.

Os trabalhos disponibilizados neste website podem ser consultados e reproduzidos em papel ou suporte digital desde que a sua utilização seja estritamente pessoal ou para fins científicos ou pedagógicos, excluindo-se qualquer exploração comercial. A reprodução deverá mencionar obrigatoriamente o editor, o nome da revista, o autor e a referência do documento.

Qualquer outra forma de reprodução é interdita salvo se autorizada previamente pelo editor, excepto nos casos previstos pela legislação em vigor em França.

**revues.org**

Revues.org é um portal de revistas das ciências sociais e humanas desenvolvido pelo CLÉO, Centro para a edição eletrónica aberta (CNRS, EHESS, UP, UAPV - França)

---

### Referência eletrónica

Juliana Abonizio, « Aparências ímpares: Um estudo sobre os modos de ser e aparecer dos usuários de modificações corporais extremas », *Ponto Urbe* [Online], 6 | 2010, posto online no dia 31 Julho 2010, consultado o 14 Agosto 2015. URL : <http://pontourbe.revues.org/1568> ; DOI : 10.4000/pontourbe.1568

Editor: Núcleo de Antropologia Urbana  
<http://pontourbe.revues.org>  
<http://www.revues.org>

Documento acessível online em:  
<http://pontourbe.revues.org/1568>  
Documento gerado automaticamente no dia 14 Agosto 2015.  
© NAU

Juliana Abonizio

## Aparências ímpares: Um estudo sobre os modos de ser e aparecer dos usuários de modificações corporais extremas

- 1 Segundo Machado Pais, um *estilo de vida* pode ser definido como “conjunto de práticas através das quais os indivíduos se esforçam por *estilizar* a sua vida, isto é, fazendo corresponder diferentes aspectos da sua vida (alimentação, vestuário, habitação, etc.) com modelos que não emanam necessariamente da cultura ‘dominante’ ou da sua própria cultura” (Pais, 1998, p. 23).
- 2 Essa noção de estilo de vida como uma alternativa ao modelo dominante traz à cena o movimento contracultural que ganhou visibilidade mundial na segunda metade do século XX, movimento este que se apropriou de símbolos da cultura de massa e divulgou idéias que questionavam os rumos da modernidade, inclusive antecipando características do que autores como Maffesoli (1999 e 2003) denominam de pós-modernidade, como o declínio do individualismo e o reencantamento do mundo.
- 3 Como opção à religião cristã, recuperou-se religiões orientais, como opções à medicina alopática, foram recriadas terapias alternativas, como opção à tecnocracia, o reencantamento do mundo, dentre outras coisas, buscando a subversão da visão de mundo dominante, inclusive valorizando o *freak* como afronta e opção à concepção de humanidade cara ao sujeito moderno, autônomo, individualista e idêntico.
- 4 O movimento contracultural, se questionava valores, também fazia uso dos meios de comunicação de massa e seus produtos, naturalmente o *rock’n’roll*, sendo este um estilo musical considerado antes de tudo um estilo de vida. A partir da segunda metade do século XX, encontram-se ligados no imaginário a contracultura, a juventude, a cultura de massa e uma noção de dissidência, fazendo necessário refletir sobre a mídia e tudo o que ocorre tanto a partir da mesma quanto o que ocorre à parte dela.
- 5 A partir da década de 80, os jovens, o *rock*, o conflito de gerações, as tendências musicais mudaram sensivelmente e a nova realidade que despontava contou com inúmeros aspectos a se considerar, como a crise das utopias e proliferação grupos juvenis articulados entorno do *rock* e suas facções. É dessa época que diversos grupos se espalham “com uma surpreendente amplitude internacional” (Abramo, 1994, p.43) e o mercado vai se especializando de acordo com os gostos de grupos diversos que dividem e pluralizam ainda mais a noção de juventude. Segundo Abramo (1994, p.43):
- 6 A maior parte dos acontecimentos que põem em evidência a juventude dos anos 80 parece estar ligada à formação de tribos (bandos, estilos, subculturas, culturas) ligadas a determinados estilos musicais e modos espetaculares de aparecimento.
- 7 Para Abramo (1994), os grupos espetaculares não têm um estilo de vida diferenciado, apenas um modo específico de aparecimento, diferenciando-se dos movimentos alternativos das gerações precedentes. A própria estética é diferente entre esses agrupamentos, segundo a autora. Os alternativos buscavam maior naturalidade na aparência, enquanto *punks* e *darks*, sujeitos da análise de Abramo, preferiam os excessos e artificialidade invertendo o gosto dominante. Dentre os modos de aparecer das várias tribos urbanas, destacam-se os penteados, as roupas, acessórios e também a utilização de marcas corporais como tatuagens e *piercings*. Tais marcas usadas em contextos juvenis tornam-se cada vez mais visíveis, proliferando-se, principalmente, nas ruas das metrópoles.
- 8 É necessário salientar que utilizar, mesmo metaforicamente, o termo tribo para referir-se a agrupamentos, em especial juvenis, está longe de ser um consenso. Para Magnani (1992), o uso desse termo não é apropriado e pode provocar ilusões ao tentar fazer alusões ao estilo de vida tribal, sendo este comparado aos agrupamentos juvenis da atualidade. Para Maffesoli (1998b), a metáfora é válida porque esses agrupamentos juvenis resgatam a importância relacional,

sendo menos importante enquanto indivíduo, havendo hoje, no que o autor define como pós-modernidade, um perder-se na coletividade, o que é característico de sociedades menores e menos individualizantes. Machado Pais (2004) também aborda essa questão, comentando que o uso da metáfora destina-se a fazer analogias entre coisas diferentes, assim, deve-se destacar no uso metafórico, não só as semelhanças, mas as diferenças entre as realidades comparadas. Para o autor, seria importante analisar como grupos diferentes fazem atributos diferentes do mesmo termo. Em suma, o que seria *tribo* para esses grupos? Eles sentem-identificados ou não com esse rótulo? Em sua discussão, o autor busca na etimologia do termo tribo (cuja família de palavras carrega a idéia de atrito) razões para o seu uso referente a grupos juvenis desestruturados e subversivos. Optei pela utilização dessa metáfora, principalmente nos momentos em que utilizo a obra de Maffesoli como suporte analítico em razão dele próprio tê-la utilizado e pelo fato de alguns usuários de modificação corporal reivindicarem para si a ancestralidade simbólica de tribos, como poderia ser dito acerca dos Modernos Primitivos. Ressalto, contudo, que nem todos se sentem pertencentes ao movimento, adotando, em grande parte das vezes, um discurso individualista para falar da própria aparência.

9 Seja qual for a razão, há uma expansão da adoção de marcas corporais cada vez mais visíveis. Para constatar essa proliferação, basta olhar o número sensivelmente dilatado de estúdios de modificação corporal comparativamente aos anos anteriores. As tatuagens e os *piercings* saem da clandestinidade, ganham visibilidade e sua feitura ganha profissionalização, porém, apesar de não mais restritos às camadas marginais, não deixam de causar estranhamento, principalmente, em suas formas mais extensas e extremas.

10 Ferreira argumenta que o fato de tatuagens e *piercings* não carregarem mais o teor marginal que carregavam não significa a naturalização de seus usos. O autor salienta que apesar do “entusiasmo, visibilidade, curiosidade, interesse ou até ‘fascínio’ social pelas inscrições corporais, não se está a falar de um fenômeno de massas, sequer de aceitação consensual”. (2008, p.52)

11 Assim, atentando a observação dos múltiplos usos das marcas corporais, sabendo que cada grupo atribui significados distintos, não delimito os sujeitos enquanto pertencentes a agrupamentos, mas selecionei apenas o lugar da pesquisa: a feira anual de *body modification* em Cuiabá-MT – que tece várias atividades, como música, artes corporais, *freak show* - sabendo que por ali passariam pessoas pertencentes a diversos agrupamentos e talvez, a nenhum deles, ou a grupo algum atrelasse sua identidade.

12 Dessa forma, compreender as relações que os modificados constroem com suas marcas, não se constituindo enquanto um grupo a que corresponda o discurso, sendo este discurso recorrentemente marcado pelo tom individualista é o desafio proposto e, para tanto, torna-se necessária a discussão sobre o corpo e o pensamento sobre o corpo, suas marcas e sua superação ao longo da nossa história recente.

13 Segundo algumas das tendências contemporâneas, o corpo é visto como peças esmigalhadas, como rascunho, como pouco durável e como imperfeito. Enfim, o corpo é doença e pode ser remodelado e tornado, por sorte, dispensável pelos novos engenheiros da biologia.

14 O corpo e as formas de pensar sobre esse corpo, considerado residência de si ou considerado o próprio ser variam entre as sociedades. Dito de outra maneira, às formas de agir acerca do corpo correspondem as formas de pensar sobre o corpo, articulando a construção de um si subjetivo e o si objetivo, corpo, sensações e aparência.

15 Cada sociedade tem suas técnicas corporais (Mauss, 1974) e, historicamente, houve alterações nos significados atribuídos ao corpo, hoje dessacralizado pela ciência e sujeito às novas intervenções. Para Le Breton (2003, p.15), o discurso científico contemporâneo pensa o corpo como suporte da pessoa, distinto do sujeito, “um objeto à disposição sobre o qual agir a fim de melhorá-lo, uma matéria-prima na qual se dilui a identidade pessoal, e não mais uma raiz de identidade do homem”.

16 Se antes, o corpo poderia significar uma pertença a uma identidade cultural delimitada, o extremo contemporâneo, na visão de Le Breton (2003, p.31-32), faz uma encenação deliberada de si o que torna a significação de sua existência sua própria decisão e não uma evidência

cultural. Além disso, todo corpo traz a virtualidade de tantos outros que o indivíduo pode assumir.

17 Com essas questões, operam-se transformações na singularidade do indivíduo, na sexualidade, no nascimento e na mortalidade, processos comuns a todos os seres considerados humanos levando a uma dúvida em relação à própria definição de humanidade.

18 Para Tucherman, na trajetória da cultura ocidental, o corpo humano tornou-se possível e foi criada uma noção de corpo ideal cuja imagem está comprometida na contemporaneidade pela intervenção técnica:

19 o aumento das próteses, a criação do *cyborg* (um *cyberbody*), o surgimento da clonagem, a replicação como possibilidade técnica e as intervenções científicas viabilizadas pela engenharia genética, a biologia molecular e pelas novas técnicas cirúrgicas e de visualização. (Tucherman, 1999, p.23)

20 Para a autora, a crise do corpo é caudatária da crise dos fundamentos da cultura que compartilhamos, conclusão possível de sua reflexão sobre o corpo ao longo da história ocidental, corpo idealizado na *polis* grega, o corpo cristão, o corpo da modernidade até os momentos atuais de fragmentação e multiplicidade de abordagens sobre o corpo, entre a ciência, a arte e o sentimento partilhado, incerto tanto quanto tudo o mais na contemporaneidade.

21 Para Tucherman, essa “eticização” do corpo e sua preservação refletem a crise do corpo que também significa uma crise da modernidade, crise do sujeito moderno. O corpo totalizado torna-se cada vez mais fragmentado tanto quanto as identidades individuais mediante as associações de carbono e silício, carne e técnica. (Tucherman, 1999, p.94)

22 Na contemporaneidade, segundo Le Breton (2003, p.28), o corpo não é um destino, é um acessório de presença, uma representação provisória, não determina o ser no mundo, deixou de ser uma identidade de si “para se tornar um kit, uma soma de partes eventualmente destacáveis à disposição de um indivíduo apreendido como uma manipulação de si e para quem o corpo é a peça principal da afirmação pessoal. etivo, corpo, sensações, as roupas, tatuagens e piercings.”.

23 A cirurgia estética permite escolher em catálogos que corpo se quer ter, além das exigências estéticas, são procuradas por indivíduos em crise que querem reorientar sua existência a partir das transformações da aparência. O indivíduo, segundo Breton, quer mudar o olhar sobre si, o olhar dos outros, seu sentimento de identidade e na sua relação com o mundo e o faz mediante a ostentação de novas identidades quando dispensa o corpo mal amado. (Le Breton, 2003, p.30)

24 Na fase contemporânea da *body art*, o corpo é visto como acessório e não como a encarnação de um ser no mundo. Agora, os artistas consideram o corpo humano insuportável diante da evolução tecnológica e propõe a sua superação mediante o hibridismo com a máquina. Ainda há os artistas que desfilam seus corpos marcados nas ruas. Le Breton (2003) destaca várias técnicas e estilos de marcas corporais, como a tatuagem, *piercing*, *branding*, escarificação, laceração, cicatrizes em relevo, implantes subcutâneos de materiais diversos como silicone e *teflon*, alargamentos nasais e de lóbulos de orelha e outras formas de marcações, que aparecem em nossa história recente ligadas, em um momento à moda e, em outros, à dissidência.

25 Neste trabalho, discutimos as modificações que historicamente aparecem ligadas a vários movimentos juvenis relacionados ao *rock* e suas facções, sendo que na atualidade essa ligação não é direta, guardando como elo um apelo contracultural. Ênfase que utilizar modificações corporais não é algo diretamente relacionado com o pertencimento a subculturas juvenis, embora pertençam a um mesmo complexo contracultural e, tampouco, há um movimento ou grupo de modificados, sendo a ênfase discursiva absolutamente individualista. Acompanhar um pouco das mudanças de *status* em relação às modificações corporais pode ser útil para auxiliar na compreensão do objeto construído.

26 No entanto, as marcas corporais mudam seu *status* e entram no circuito do consumo, segundo Le Breton, sendo engolidas pela moda e pela “cultura nascente e múltipla” de gerações jovens que buscam uma singularidade pessoal. (2003, p.34)

27 Se a tatuagem já foi considerada atributo de primitividade dos que a utilizavam sendo vista com muito preconceito ao longo da história - seja pelo etnocentrismo em relação às sociedades tradicionais que a ela recorriam, seja pelo preconceito das tatuagens feitas individualmente por

27 pessoas das camadas sociais inferiores que desafiavam as convenções e eram desprezadas pela civilização branca - hoje, para Le Breton (2003, p. 35), a tatuagem saiu da clandestinidade e suavizou seu significado tendo inclusive à venda *kits* de tatuagens provisórias. Estas serviriam bem ao estilo pós-moderno de pertencimento momentâneo às tribos, cujos símbolos de pertença seriam códigos visuais, que, dado o intercâmbio entre tribos, são impermanentes, segundo Maffesoli (1998b). Porém, não é das marcas fugazes que trato aqui.

28 Os *piercings* surgiram nos EUA em 1975 e se espalharam rapidamente junto com a noção, segundo Le Breton, que postula a maleabilidade do corpo. Logo, eles saem dos domínios do que se chamam tribos urbanas e atingem o conjunto da sociedade por intermédio da alta-costura, dentre a qual se destacam as manequins de Gautier. (Le Breton, 2003, p.35)

29 Os *piercings* são feitos em diversos pontos, como lábios, orelhas, narizes e órgãos genitais. Alguns defendem o estímulo ao prazer sexual seja por estímulos sensíveis ou por atribuições de significados simbólicos.

30 Em sociedades diversas, as marcas no corpo significavam ritos coletivos de passagem, na contemporaneidade, são ritos pessoais, marcas da vida cotidiana, da biografia do modificado e muitas vezes incompreensíveis aos olhos dos outros. As marcas não mais revelam ritos de passagem partilhados coletivamente, mas ritos individualizados, referentes a autobiografia e muitas vezes tem o ato restrito ao estúdio com a presença tão somente do marcado e do marcador, diferindo dos usos em sociedades ditas tradicionais:

31 As marcas funcionavam, portanto, como formas de decoração corporal complexas mas consistentes, veiculando um sistema de signos que identificava, localizava e orientava socialmente os seus portadores, em conformidade com códigos de comunicação definidos no contexto de sistemas sócio-culturais específicos. (Ferreira, 2008, p.35)

32 Hoje, o valor é oposto à submissão aos códigos sociais, o discurso que se reivindica é individualista e libertador da estética convencional, dando a sensação de apropriação de si mesmo através do uso particular que faz do corpo.

33 Para Le Breton, o corpo que foi discreto por um longo período, revela-se agora como o lugar privilegiado do discurso, além disso, a individualização modificou a atitude coletiva com respeito ao corpo que se torna parceiro e o indivíduo busca seus valores próprios, dessocializados. (2003, p. 53-54)

34 Visando compreender profundamente essas questões até então intuídas da bibliografia de apoio, recorri ao contato face-a-face, como já disse anteriormente, e realizei entrevistas e participação participante na Feira de *Body Modification*, que ocorre anualmente em Cuiabá-MT, nos anos de 2008 e 2009.

35 Nessa feira, local de passagem e de trocas econômicas e simbólicas travei contato com consumidores, profissionais e simpatizantes de *body modification*. Realizei observação participante recorrendo à produção de um caderno de campo e, durante minha deambulação (Maffesoli, 1999 e Pais, 2003) no *locus* de pesquisa, agendei e realizei entrevistas com os sujeitos que ali estavam permitindo perceber os paradoxos que tensionam a construção identitária e a percepção de si para si mesmo. Mais explicitamente, foram três os paradoxos encontrados e a partir deles, passei ao questionamento, vendo a relação entre eles, percebendo suas tensões fundadoras, não me preocupando com a sua solução tampouco com a superação dialética.

36 Primeiramente, estranhei a tensão entre o indivíduo e o grupo, evidenciada através do discurso individualista e a busca de aparentar e aparecer para outros, considerados platéias constantes do si encenado. Outro paradoxo foi relacionado à temporalidade, de um lado a transitoriedade, a finitude, a impermanência e a não preocupação com o futuro; de outro lado, as marcas profundas desafiando a superficialidade da aparência e a permanência das cicatrizes desafiando a fugacidade subjetiva comum aos dias atuais. Como terceiro paradoxo a ser pensado (e não resolvido), refleti sobre o excesso dos pigmentos e dos metais sobre e sob a pele pavoneando o corpo que se encobre. Afinal trata-se de exibir ou esconder?

37 É importante ressaltar que não é a modificação que define o sujeito, sendo complexa a definição do universo de amostra, por assim dizer. Dessa forma, os sujeitos não foram nem definidos nem procurados *aprioristicamente* - contrariando a sugestão durkheimiana

(Durkheim, 1982) de conceituar especificamente o que se pretende estudar englobando todos os fatos que pertençam à definição considerada e excluindo todos aqueles que não pertençam - o que foi escolhido, foi o *locus* da pesquisa - a feira - e a partir disso, fui conhecendo e conversando com os que ali estavam, considerando as suas presenças como indícios de ao menos simpatia por modificações corporais. Estando lá, priorizei as entrevistas com os sujeitos mais visivelmente marcados, além de aceitar as sugestões de alguns informantes que me apresentaram alguns expoentes desse universo.

38 A postura metodológica adotada foi o sentir comum, ressaltada por Maffesoli (1999) e o vadiar sociológico, ressaltado por Pais (2003). Essa postura visa o integrar-se naquilo que se busca compreensão. Trata-se então de uma pesquisa naturalista, observando os sujeitos em seus próprios meios, embora estes meios passem a contar com a presença também de quem pesquisa, tornando a ação social oriunda dos contatos estabelecidos também um objeto a ser pensado, posto ser a ação científica uma ação social e, portanto, passível de análise sociológica.

39 Também é importante salientar que, no estudo do cotidiano, o que se busca é ver como as pessoas se comportam *como* se comportam, compreendendo e interpretando essas ações dando ênfase ao descritivo e ao situacional. Assim, na perspectiva de Pais (2003), que resalta ser a sociologia do cotidiano mais uma postura metodológica que um esforço teórico, o trilhar nesse cotidiano do qual se busca entender, está sujeito às rupturas e rotinas, situando-se não lógica da demonstração, mas da descoberta, tratando de enigmatizar o social, posto ser com perguntas que se inicia o trabalho científico. Para o autor, trata-se de uma recusa à lógica do pré-estabelecido:

40 que condena os percursos da pesquisa a uma viagem programada, guiada pela demonstração rígida de hipóteses de partida, a uma domesticação de itinerários que facultam ao pesquisador a possibilidade de apenas ver o que os seus quadros teóricos lhe permitem ver. (2003, p.17)

41 As perguntas que guiaram o meu trajeto e, por vezes, exigiram mudança de itinerário, foram relacionadas à tensão constitutiva de identidade. Na análise de Ferreira, há um duplo movimento no fazer-se mediante inscrições de marcas, um aspecto que confirma o que ele chama de identidade pessoal do indivíduo para si próprio e a encenação do que quer ser e parecer perante o olhar do outro. Para o autor, nas entrevistas que realizou com jovens extensamente marcados, é mais valorizada a identidade construída para si. (2008, p.121)

42 Dada a dificuldade de se ter identidade, o que encontrei foi alteridade. Nos discursos, é nítido o não reconhecimento de si mesmo como *idem* (etimologicamente significando a mesma coisa), antes o reforço da construção de si repousava sobre o *alter* (etimologicamente outro). Considerando que Maffesoli (1999) afirma ser uma época passível de compreensão de acordo com as noções acerca da alteridade, é significativo pensarmos no paradoxo fundador encontrado nos discursos: identidade *versus* alteridade, recusando o *idem* para se afirmar o *alter*.

43 Na dinâmica da construção de si para si e para outros, a autodefinição, em geral, foi um evasivo eu mesmo. A pergunta que obteve respostas menos claras foi à relacionada à definição de quem se é, a quem ou a que corresponde seu discurso. Como eu já pressupunha, a definição nunca foi: “Sou um modificado!”

44 Uma das razões para não haver essa resposta imediata de se assumir ou identificar-se sob a insígnia da modificação corporal é que, apesar de ostentar a diferença, a originalidade e mesmo a autenticidade, essas pessoas, ao falarem sobre modificação, diziam, com suas variantes, que técnicas corporais bastante difundidas como perfurar os lóbulos da orelha, tirar a sobrancelha, fazer a barba, depilar-se, tingir e cortar os cabelos, aparar as unhas dentre outras coisas bastante corriqueiras são modificações corporais, assim todos somos modificados tecnologicamente.

45 Essas técnicas, pelo que percebi nas entrevistas, são criadas e recriadas constantemente para “fazer a diferença”. Nos discursos dos sujeitos modificados com quem conversei, percebi o desejo dos indivíduos em fazer de seu corpo uma obra de arte ambulante expressando signos visuais na pele ou sob ela. É importante ressaltar que modificações corporais existem e são práticas comuns e consolidadas em todas as sociedades, desde aparar as unhas, cortar cabelos, barbear-se até os modos mais sofisticados de intervenção corporal.

- 46 Diante do impasse na definição de sujeitos, permiti-me a não definição. Assim, não tratei, nessa pesquisa, de utilizar a noção de identidade como elemento unificador (idem, como já observei, significando a mesma coisa), antes procurei ver o sujeito sujeito a eixos constituintes e um saber-se sobre si constantemente negociado em categorias diversas, até mesmos paradoxais, tanto herdadas quanto inventadas. Sobre a ambivalência e a necessidade de adaptação constante, Bauman (2005, p.17) afirma a não constância e a não solidez “de uma rocha” quando se fala de identidade e pertencimento, sendo essas noções negociáveis e revogáveis. Mesmo que as rochas fossem de fato sólidas, elas rolam incessantemente, como exemplifica Maffesoli (2001) ao tratar do nomadismo pós-moderno e sua presença recorrente no *rock and roll*.
- 47 Esse aspecto de possibilidade de mudança é interessante ao pensarmos em marcas perenes, afinal, embora haja um discurso contrário às modificações em razão de sua suposta eternidade, outros confirmam ser reversível a maior parte das modificações, embora, segundo um dos meus entrevistados, ninguém as “faz pensando em desfazer”. A pouca ou nula importância relativa à durabilidade das marcas pode revelar uma despreocupação com o futuro? Pode significar uma incerteza em relação ao futuro que traz a necessidade constante de reorientação? Ou é essa incerteza que gera desejo por algo durável, ao menos na pele? Por que alguém que, em tese, não se preocupa com o futuro, assume marcas, se não eternas, perenes?
- 48 Durante pesquisa, percebi que, embora as marcas sejam duráveis, assistimos a uma ressignificação das mesmas. Como exemplo dessa mudança de significados das marcas, um rapaz me contou a história de suas tatuagens. Durante uma entrevista, ouvi a história de cada uma das marcas de um jovem, o que cada uma significava no momento de sua feitura. Após essa descrição de sentido, ele falou sobre o significado das mesmas marcas hoje e afirmou que, embora as considerasse esteticamente pouco interessantes, ganharam o *status* de *souvenir* encarnado.
- 49 O sujeito não se define como modificado, mas se reconhece também como modificado, não se sentindo porta voz de outros praticantes de modificações, conclusão que Ferreira também aborda em sua análise dos jovens lisboetas extensamente marcados. Há aqueles que, todavia, percebem, ao menos momentaneamente (o tempo que durou a entrevista?) que as modificações constituem o eixo principal de suas vidas e, em geral, relacionam as modificações também ao trabalho, tornando-se tatuadores, perfuradores ou artistas. Há ainda os *blogs* (sendo um expoente de transformações mais ousadas o *modblog* <http://www.bmezine.com>) e comunidades virtuais relacionados às modificações, espaços esses de socialidade, nos quais a modificação aparece como ponto de afirmação e identificação. Porém, ainda mais que isso, a modificação aparece como aquilo que permite estar junto com seus iguais, característica da tribalização do mundo apontada por Maffesoli (1998a) como característica da pós-modernidade. Esse autor discute a importância da aparência como cimento societal, percebendo a existência de uma ética na estética, propondo o sentir comum e a aparência como modos de compreender a efervescência contemporânea, deixando o olhar deitar sobre o corriqueiro, as banalidades, as multiplicidades paradoxais que instituem laços profundos e efêmeros.
- 50 Se em um primeiro momento, os sujeitos com os quais travei contato não se sentiram identificados com a definição de modificado ou não sentiram exclusividade nessa definição, já que todas as pessoas cabem na mesma; em um segundo momento foi frequente a afirmação de assumir-se subjetivamente mediante transformação corporal. Assim, os sujeitos recorrentemente dizem expor suas personalidades através das marcas manifestas. Nesse ponto de vista, que não é conclusivo, pois trata-se de um dos aspectos observados, havendo outros que inclusive o contradizem, os sujeitos não se sentem identificados pelo modificar-se, mas sentem-se identificados ou significados pelas marcas que optam exibir em seus corpos. Mas, de fato, expõem a personalidade ou a *persona*? Trata-se de expor a personalidade ou acreditar nela? Para que expor uma personalidade se o discurso é sempre o que apregoa o fato de não se importar com ninguém? É uma comunicação para si mesmo na tentativa de convencer-se mediada por outros? Enfim: trata-se de uma comunicação entre quem? Quem é o comunicando? O outro ou o *si*? O outro é comunicando ou se torna meio de comunicação

- do sujeito consigo mesmo? O quê é efetivamente comunicado: O que são? O que julgam ser? Aquilo que pretendem comunicar? O que julgam corresponder?
- 51 A questão fundamental desse monte de perguntas que me vinha à mente era: estão encobrendo o quê atrás da exibição? Tanta tinta e metal mostram ou encobrem?
- 52 Para Ferreira, acerca do trabalho realizado em Lisboa sobre jovens extensivamente marcados, cabe discutir se marca é ou não sinal, se ela se naturaliza ou encobre outros sinais (2006, p.307). Na mesma direção, Maffesoli aponta a dialética entre o mostrar e esconder subjacente aos coloridos das ruas e ao pavoneamento dos corpos. (1999)
- 53 Ao pensar em autenticidade e em exibição, retomo a discussão de Walter Benjamin (1994) e passo a refletir sobre a perda da aura quando a arte perde seu valor de culto para seu valor de exibição: se são artistas, não foi isso o que lhes sucedeu?
- 54 Na subjetividade dos que fazem uso de marcas certamente a resposta é não. Eles não enxergam a perda da autenticidade pela reprodutibilidade técnica, antes vêem que a técnica possibilita o seu ser autêntico, seu ser não produzido em série, mas transformado em obra de arte. A pergunta desponta: Quem é o autor? O dono do corpo-tela ou o artista que esculpiu a pele? Quem imaginou ou quem lapidou? Aquele que exhibe a arte?
- 55 Falando em exibição – trago ao debate novamente Pais (2003), para quem é com perguntas que a sociologia é feita - lembro da arte reproduzida tecnicamente e o questionamento de sua autenticidade, na discussão de Benjamin (1994) acerca da obra de arte na época de suas técnicas de reprodução. Autenticidade era um valor bastante pronunciado nas entrevistas: mais uma vez o pólo, não idêntico, não idem, antes *auto*, autêntico. Mas o ser autêntico era um processo de autenticação de si, mediante a técnica, sem dúvida. Ser autêntico, autenticar-se, fazer-se.
- 56 Cabe lembrar que alguns são projetos - Ferreira (2006), ao estudar os modificados lisboetas, aplica a noção de projeto discutida por Gilberto Velho (1994) - outros não, outros não sabem o que querem fazer com seus corpos, querem experimentar todas as tecnologias que surgirem, como um dos meus entrevistados que afirmou não haver nada que ele projete fazer e nada que ele jamais faria.
- 57 Projetando-se, não se chega a termo. Deixando-se levar pela tecnologia, também não. Todos infimos, inacabados com marcas perenes, mas constantemente refeitas e ressignificadas inserindo-se na fluidez pós-moderna. Em relação a esses aspectos, retomo duas das características da pós-modernidade destacadas por Maffesoli (2001): o nomadismo a desafiar a perenidade das marcas e o reencantamento do mundo a desafiar o corpo dessacralizado pela incisão. O fazer-se, o mudar e a busca de um si transcendente, arcaico e ultramoderno. Anjos barrocos de carne, sangue, tinta e metal.
- 58 Para Ferreira (2006, p.307), a marca integra corpo e identidade. Os sujeitos com os quais conversei apontam, em nível discursivo, a construção do corpo como reconstrução permanente de si, assim, mesmo com a perenidade das marcas, a personalidade nunca é fixa, muito menos idêntica. De fato, a pele é fronteira, que pode descobrir ou encobrir, mas está sendo constante feita e refeita. O que importa mais: a marca encarnada ou o ato de incorporar marcas?
- 59 Ainda para Ferreira (2006, p.309), as marcas extensas não são meras decorações corporais. Tatuarse e perfurar-se têm um sentido, mas os signos da estampa nem sempre têm significados como pude perceber nas falas coletadas. Ademais, mesmo quando há significados nos símbolos escolhidos para marcar e encobrir a pele, esses significados são atribuídos individualmente não sendo imediatamente decifrados por outros. Esse fato diferencia a utilização contemporânea de tatuagens e outras marcas das formas de uso de marcas-signos de sociedades tradicionais, nas quais cada marca carregava um significado coletivo, partilhado e atribuído pelo sistema de valores e símbolos no qual estava inserida.
- 60 A questão é: adotar extensamente as marcas corporais pode ser visto como pertencimento a uma das opções identitárias existentes ou o ser modificado torna-se em si uma opção, um pertencimento ao grupo de modificados?
- 61 Nos depoimentos coletados, o discurso é uma recusa em relação às definições existentes. Subvertendo o código de referência disponível, recorre-se ao Eu, um eu construído, idealizado, escolhido, alardeado e único, único com direito a selo de autenticidade: a



busca é sempre por diferenciação, fazer marcas inéditas, subverter a produção de indivíduos serializados, destacada por Guattari e Rolnik (1993).

62 O passado do modificado pode ser contado em marcas, sinais, signos escolhidos que traduzem aquilo que se quer deixar. São fragmentos da história que se deseja contada, certamente, não as estrias e rugas, mas o que se opta por contar. Assim, há a noção de projeto, que formula não o que foi, mas o que se pretende ser e aquilo que gostaria de ter sido. Através das marcas que retratam biografias, ao optar pelas marcas que se exibirá, se reconstrói seletivamente a biografia que deseja corresponder. O corpo tem memória, mas essa pode ser recriada arbitrariamente.

63 Abordando essa religiosidade subterrânea que se vê no comportamento desse grupo, abordarei também algumas características ressaltadas por Maffesoli (1998b, 1999, 2001) como típicas da pós-modernidade: o reencantamento do mundo, que inclui a orientalização e a descristianização, a ênfase na aparência que passa a sedimentar uniões, a procura pelo estar em movimento e a tensão fundadora. Essas características casam com a *tribalização*, também abordada pelo autor. Em relação a orientalização e a descristianização, resalto que na feira, foi bastante nítida a utilização de tatuagens com motivos orientais, como letras chinesas e deuses hindus. Também são freqüentes os motivos demoníacos revelando uma tendência anticristã, embora esses dados não possam ser generalizados, já que há também uma grande procura por tatuagens de motivos cristãos, como confirmei com os profissionais enquanto folheava os mostruários de desenhos, interrogando-os sobre as preferências dos clientes, esta também sujeita às variações de uma espécie de moda anti-moda.

64 Embora haja muitas semelhanças com a definição de tribo tratada por Maffesoli (1998b), notei algumas diferenças nos sujeitos empíricos dessa análise. De fato, a criação de uma solidariedade, a importância da aparência, a recusa ao enfrentamento político, a não preocupação com o futuro, o hedonismo e uma crença controversa no destino, revelada na tragicidade dos discursos e negada na relação com o corpo, posto ser o corpo não um destino, antes uma escolha, são, características discutidas por Maffesoli e presentes nesse grupo em particular. Porém um dos principais elementos desses agrupamentos destacado pelo autor é a fluidez, as idas e vindas de uma tribo a outra, enquanto que, dentre os modificados, apesar de oitenta por cento das modificações serem reversíveis, segundo um informante, ninguém as faz com esse intuito. Além disso, o discurso é individualista, o que, embora possa ser questionado, constitui uma diferença em relação à queda do individualismo percebida por Maffesoli (1998a)

65 Esse ponto é central. Temos de um lado, a valorização da autonomia e do corpo enquanto escolha, pela intervenção técnica, de outro a aceitação trágica de destino. Essas noções se casam na vida e no discurso dos modificados.

66 A crença na própria escolha e numa escolha idealizada como livre de quaisquer influências sociais livra o indivíduo da angústia de saber-se fragmentado, tendo a noção de único, um para se identificar. Porém, se são únicos, não são unicamente humanos, pois sua pele é sua fronteira e seres híbridos com humanos tradicionalmente são monstruosos. No conflito identidade sem um se esgueira o único outro, o alter-nativo e é justamente sobre esse Um que é Outro dos outros, dos quais não me influencio e tampouco me reconheço que recai essa análise.

67 Uma das sugestões de Maffesoli (1998b) é que se pode determinar a forma essencial de uma sociedade de acordo com a concepção que tem de alteridade, noção boa para pensar os modificados, únicos e outros incompletos, sempre refeitos, que constantemente se reconfiguram, adaptando suas figuras a outras conjunturas sociais e subjetivas. Se não são *idem* são *alter*, se não identidade, alteridade, termo de maior alcance para compreender pessoas ligadas ao universo alternativo.

68 Analisando o pensamento dos *guarani*, Clastres (1978, p.120) percebe que eles consideram a existência injusta, embora não sejam culpados. O mundo, em sua concepção, é imperfeito porque todas as coisas que o compõem são uma - Um é o mal. Isso quer dizer ao se ser incompleto entra-se no “campo de aplicação rigorosa do princípio de identidade”, (1978, p.121) no qual cada coisa é uma ou outra coisa. Em contraposição, o bem não seria o múltiplo, mas o dois, permitindo ser “ao mesmo tempo o um e seu outro”. (1978, p.121) Com essa

- discussão, Clastres (1978) diz que os *guarani* rejeitam a sujeição à terra imperfeita ao se recusarem também serem somente homens, mas desejam o poder de ser homens e deuses.
- 69 Ao buscar hibridações, sejam essas representadas pelos animais evocados, pelos deuses encarnados, pelo metal incorporado, essa busca não seria uma forma de escapar ao princípio excludente de identidade?
- 70 Enfatizo: se não a identidade, alteridade, se não idêntico, autêntico. O monstro novamente sorri. Monstros, por definição, excessivos e situados em fronteira. (GIL, 1994) Se é possível ser um e outro ao mesmo tempo, é de monstro que se trata: *freak* Os monstros aparecem nas feiras, em pleno dia, como consumidores, vendedores e meros transeuntes. Monstros aparecem nas estampas das tatuagens, nos nomes das lojas, nas camisetas vendidas e usadas, nas bandas que fazem a trilha sonora, nos codinomes de reconhecimento (conhecer e re-conhecer um monstro?) e no nome dos espetáculos que encerram o evento, o tão esperado: *Freak Show*.
- 71 *Freak show* que remonta a era vitoriana, mas que não mais se encontra restrito a palcos ou picadeiros. Todo *freak* é um *showman*, todos se fazem ao se mostrarem nos espetáculos das ruas, nas ocupações mais ou menos performativas do espaço público, na espetacularização dos trabalhos de tatuador e *body piercing* acompanhados em geral por atenta platéia que toma fotos a serem expostas em múltiplos *blogs*. Ponto de estranhamento: a profissionalização dos tatuadores e *body piercer* com as vestes rituais compostas de máscaras e jalecos ao lado do público, com cervejas e cigarros, assistindo a intervenção que se torna espetáculo. O corpo metamorfoseado através de intervenções múltiplas dilatando a pele e a encobrindo, mostrando, escondendo e escapando as tentativas de definição.
- 72 Essas sucessivas transformações tornam-se subversivas, sendo o movimento, uma das maneiras de se escapar da domesticação, segundo Maffesoli, para quem a última tem justamente a sua raiz no sedentarismo. Para o autor, “o que se move escapa, por definição à câmera do pan-óptico.” (Maffesoli, 2001, p.25)
- 73 Sua cara não é mais a mesma, sua face se dilata, seu corpo se colore, sua derme engloba o metal. Já não pode ser dominado.

---

### **Bibliografia**

- ABRAMO, H. W. Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano. São Paulo: Scritta, 1994.
- BAUMAN, Z. Identidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BENJAMIM, W. Obras escolhidas I Magia e Técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CLASTRES, Pierre. A sociedade contra o Estado. Rio de Janeiro: F. Alves, 1978.
- DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico**. São Paulo: ed. Nacional, 1982
- FERREIRA, V. S. Marcas que demarcam: corpo, tatuagem e body piercing em contextos juvenis. 2006. Tese. (Doutorado em Sociologia). Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Lisboa-Portugal, 2006.
- FERREIRA, V. S. Marcas que demarcam: corpo, tatuagem e body piercing em contextos juvenis. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2008
- GIL, José. Monstros. Lisboa: Quetzal, 1994.
- GOFFMAN, Erving. A representação do eu na vida cotidiana. Petrópolis: Vozes, 1999.
- GUATTARI, Félix. ROLNIK, Suely. Micropolítica: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1993.
- LE BRETON, David. Adeus ao corpo. Papyrus. Campinas- São Paulo. 2007.
- MACHADO PAIS, José. Culturas Juvenis. Lisboa: Imprensa nacional Casa da Moeda, 1993.
- \_\_\_\_\_. Vida Cotidiana: enigmas e revelações. São Paulo: Cortez, 2003.
- \_\_\_\_\_. Jovens, bandas musicais e revivalismos tribais. In: Machado Pais et Blass (org.). Tribos Urbanas: Produção Artística e Identidades. São Paulo: AnnaBlumi, 2004.
- MAFFESOLI, Michel. Elogio da razão sensível. Petrópolis: Vozes, 1998a.
- \_\_\_\_\_. O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998b.
- \_\_\_\_\_. No fundo das aparências. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

- \_\_\_\_\_. Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas. São Paulo: Record, 2001.
- \_\_\_\_\_. Instante eterno: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas. São Paulo: Zouk, 2003.
- \_\_\_\_\_. A Parte do Diabo: resumo da subversão pós-moderna. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Tribos urbanas**: metáfora ou categoria? Cadernos de Campo. Revista dos Alunos de Pós-Graduação em Antropologia da USP, São Paulo, ano 2, p 49-51, 1992.
- MAUSS, Marcel. As técnicas corporais. In: (\_\_\_\_). **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Edusp, 1974. v. II. p. 209-234.
- TUCHERMAN, Ieda. Breve História do *Corpo* e de *Seus* Monstros. Lisboa, Ed. Vega, Coleção. Passagens, 1999
- VELHO, Gilberto. Projeto e metamorfose. Antropologia das Sociedades complexas. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

---

### ***Para citar este artigo***

#### Referência eletrônica

Juliana Abonizio, « Aparências ímpares: Um estudo sobre os modos de ser e aparecer dos usuários de modificações corporais extremas », *Ponto Urbe* [Online], 6 | 2010, posto online no dia 31 Julho 2010, consultado o 14 Agosto 2015. URL : <http://pontourbe.revues.org/1568> ; DOI : 10.4000/pontourbe.1568

---

### ***Autor***

#### **Juliana Abonizio**

Professora doutora do Departamento de Sociologia e Ciência Política e do Programa de Pós-Graduação ECCO – “Mestrado em Estudos de Cultura Contemporânea” - da Universidade Federal de Mato Grosso. Atualmente, realiza estágio pós - doutoral no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, sob a supervisão do dr José Machado Pais.

[j\\_abonizio@yahoo.com.br](mailto:j_abonizio@yahoo.com.br)

[juliana.abonizio@ics.ul.pt](mailto:juliana.abonizio@ics.ul.pt)

---

### ***Direitos de autor***

© NAU

---

### ***Resumos***

Visando compreender o estilo de vida dos usuários de modificações corporais, geralmente ligadas às subculturas juvenis relacionadas às dissidências reais ou simbólicas, este artigo apresenta uma reflexão sobre a construção da percepção de si através do uso de marcas corporais, em especial, aquelas consideradas extremas ou extensas. Para tanto, foram realizadas observações participantes e entrevistas com modificados, profissionais de *body modification* (às vezes encontrados em um mesmo corpo-suporte) e simpatizantes na feira anual de *Body Modification* em Cuiabá-MT em 2008 e 2009. Os dados coletados apontam para existência de conflitos entre identidade e autenticidade, revelando uma maneira singular de se articular no tecido social urbano.

### **Odd Appearances: A Study About The Users Of Extreme Corporal Modifications Way Of Being And Appearing**

This article represents a reflection about corporal modification in special those considered extensive and extreme. Aiming to understand the users' life style and it's body modification related to the youth culture and how it constructs the perception of themselves through the distinction of their bodies; this article is based on the observation and interviews of the users

during the Annual Fair of Body Modification hosted in the city of Cuiabá, capital of the state of Mato Grosso, during the years of 2008 and 2009. The analysis of the collected data demonstrated the existence of several conflicts between identity and authenticity disclosing a singular way to articulate them among the society.

***Entradas no índice***

***Keywords*** : corporal modification, life style, identity

***Palavras chaves*** : modificações corporais, estilo de vida, identidade